

Antártida e Gronelândia estão derretendo mais rapidamente

Geografia

Enviado por: _clsochascki@seed.pr.gov.br

Postado em:03/12/2012

Por Ricardo Garcia / Ciência.pt / Portugal O gelo da Antártida e da Gronelândia está a derreter mais cada vez mais rapidamente, num processo responsável por um quinto da subida do nível do mar nos últimos 20 anos. Segundo a mais completa análise do degelo no extremo Sul do planeta, publicada nesta sexta-feira na revista Science, cerca de 4,3 biliões de toneladas de gelo fundiram-se entre 1992 e 2011, elevando o nível do mar em 11 milímetros. Os números globais são uma novidade perante o que já se sabia acerca da evolução das zonas polares e da sua relação com as alterações climáticas. Pelo menos 29 estudos sobre o assunto foram realizados desde 1998, baseados em imagens de satélite. Mas, em geral, utilizaram séries curtas de imagens – em média de quatro anos e meio. Agora, uma equipa de 47 investigadores, de 26 laboratórios diferentes, incluindo as agências espaciais europeia (ESA) e norte-americana (NASA), foi mais além e combinou duas décadas de imagens, cruzando três métodos diferentes de medições. O resultado, segundo os investigadores, é uma avaliação com maior grau de certeza sobre o que se tem passado com a cobertura polar do Sul. Em quatro regiões analisadas, três perderam parte do seu volume de gelo – Gronelândia, Antártida Oeste e Península Antártida. Na Antártida Leste, parece ter havido um ganho de massa, mas com uma margem de erro que não permite com segurança dizer se houve de facto aumento ou redução. Seja como for, no total há menos gelo. É na Gronelândia que o processo foi mais acentuado, representando dois terços do total da massa perdida. “O ritmo do degelo na Gronelândia aumentou quase cinco vezes desde meados de 1990”, afirma um dos coordenadores do estudo, Erik Ivins, do Laboratório de Propulsão a Jacto da NASA, num comunicado. Os efeitos deste processo também estão a tornar-se mais rápidos. Na década de 1990, o derretimento do gelo da Antártida e da Gronelândia estava a fazer subir o nível do mar a um ritmo médio de 0,27 milímetros por ano. Na década passada, o passo acelerou para 0,95 milímetros por ano. Em média, em todo o período 1992-2011, o ritmo foi de 0,59 milímetros por ano, o que representa quase 20% da subida total do nível do mar neste período. De acordo com o último relatório do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas, de 2007, o nível do mar aumentou 3,1 milímetros por ano desde 1993. Os resultados deste estudo – também liderado pelo investigador Andrew Shepherd, da Universidade de Leeds, no Reino Unido – parecem contraditórios com outro divulgado há cerca de três semanas, e que indicava que a cobertura de gelo na Antártida estava maior do que nunca, desde que há monitorização por satélite. Em Setembro, a área congelada à volta do continente atingiu a marca recorde de 19,44 milhões de quilómetros quadrados, segundo cientistas da British Antarctic Survey e da NASA. E entre 1979 e 2010, houve um crescimento médio de 0,9% por década – com variações ano a ano e conforme a região da Antártida. O aumento, no entanto, verifica-se na superfície, e não no volume, e apenas incide sobre o gelo que está sobre o mar – e cuja evolução não tem influência sobre o nível dos oceanos. O estudo agora publicado na Science refere-se ao gelo que está sobre terra e que, uma vez fundido, faz aumentar a quantidade de água no mar. No outro extremo da Terra, no Ártico, a cobertura de gelo sobre o mar está a diminuir aceleradamente. Em Agosto e Setembro deste ano, foi batido um novo recorde de área mínima, desde que há séries de imagens de satélite. Esta notícia foi

publicada em 30/11/2012 no site publico.pt. As informações contidas são de responsabilidade do autor.